

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
ARTES VISUAIS BACHARELADO

WALMIR ELIAS SCHWINGEL

**NO PISAR DESCALÇO NAS TERRAS DO INTERIOR O ENCONTRO**

GOIÂNIA  
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### 1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **Walmir Elias Schwingel**

Título do trabalho: **No pisar descalço nas terras do interior o encontro**

### 2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

#### Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Henrique Duarte Feitoza, Professor do Magistério Superior**, em 13/12/2024, às 14:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Walmir Elias Schwingel, Discente**, em 14/12/2024, às 10:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5040707** e o código CRC **809ED14C**.

WALMIR ELIAS SCHWINGEL

**NO PISAR DESCALÇO NAS TERRAS DO INTERIOR O ENCONTRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação Artes Visuais Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Henrique Duarte Feitoza

GOIÂNIA  
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Schwingel, Walmir Elias

No pisar descalço nas terras do interior o encontro [manuscrito] / Walmir Elias Schwingel. - 2024.

LX, 60 f.: il.

Orientador: Prof. Paulo Henrique Duarte Feitoza.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2024.

Bibliografia.

Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Cotidiano. 2. Ecologia decolonial. 3. Devaneio. 4. Poética interiorana. 5. Festa popular. I. Feitoza, Paulo Henrique Duarte, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 10 dias do mês de dezembro do ano de 2024 iniciou-se, às 9h15 no Auditório da FAV/UFG, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **No pisar descalço nas terras do interior o encontro**, de autoria de **Walmir Elias Schwingel**, estudante do curso Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Os trabalhos foram instalados pelo orientador e presidente da banca, Prof. Dr. Paulo Henrique Duarte Feitoza (FAV/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (FAV/UFG) e Profa. Ma. Luciara dos Santos Ribeiro (Sertão Negro/GO). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota (N2) ao estudante, com base nos critérios presentes na Ficha de Avaliação do TCC, considerando o TCC **Aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Henrique Duarte Feitoza, Professor do Magistério Superior**, em 12/12/2024, às 17:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Manoela Dos Anjos Afonso Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 12/12/2024, às 18:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciara dos Santos Ribeiro, Usuário Externo**, em 17/12/2024, às 19:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5024622** e o código CRC **E4048F5C**.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a generosidade da vida!

Os plantios e colheitas até o presente momento!

Agradeço aos meus pais Irene Maria dos Santos Schwingel e Humberto Walmir Schwingel por sempre terem me permitido rabiscar as paredes de casa, e me darem lápis e papel!

Ao meu irmão Rafael Humberto, por sempre acreditar em mim!

Agradeço aos meus avós Ortencia Josina Pereira dos Santos e Irineu Geraldo dos Santos, por todos seus cuidados, rezas e ensinanças!

Agradeço a bondade das encruzilhadas e a todos que cruzaram meu caminho.

Às águas, que me banharam e renovaram as energias para seguir por essa jornada!

Agradeço a Tainan da Costa por ter me ensinado sobre a poesia e me apresentado o mundo da pintura!

A Tia Cidinha, e seu filho José Leonardo por sua contribuição, em meu ingresso à universidade!

Minha imensa gratidão a Evelyn Dias Cruvinel, minha parceira de aventuras, que foi essencial para realização deste trabalho, por todo o suporte, todas as contribuições, puxões de orelha, sua disposição em embarcar nas viagens mais delirantes, e por me ensinar sobre a beleza, bondade, renovação, fé e acreditar em meus sonhos!

Agradeço a Dalton Paula por todo o incentivo, partilhas, risadas, ensinamentos sobre sempre ter fé e inspiração em sempre sonhar muito!

Agradeço a família Sertão Negro Ateliê e Escola de Artes, pelo acolhimento, união e aprendizados!

Agradeço a todos, que mesmo não tendo seus nomes citados aqui, tenham contribuído em minha jornada!

Obrigado!

Deus da natureza  
Sei que és o responsável por tudo que existe  
E o homem não é uma exceção [...]

Acará - Os Tincoãs

## RESUMO

Esta pesquisa em arte reflete sobre a relação entre ser humano e natureza a partir de um movimento de retorno que se desdobra de um gesto de encontro, buscando nos ensinamentos da terra, dos mais velhos e de outras narrativas, que oferecem outras perspectivas sobre o habitar a terra. Tendo como referência as ensinanças de Antônio Bispo dos Santos e Malcolm Ferdinand. Nessa jornada, a bússola que guia a investigação são os aprendizados adquiridos, e as sutilezas captadas da vivência em comunidade, experienciadas em São José do Retiro, município de Itaberaí - GO. A prática artística é nutrida pelos devaneios das idas e vindas ao interior em seu sentido figurado e literal, auxiliado pelos escritos de Gaston Bachelard, pela poesia de Manoel de Barros, e o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo. As inspirações artísticas e poéticas vêm das obras de Antonio Obá, Dalton Paula e Kudzanai Violet-Hwami. Com a confluência dos saberes adquiridos, a celebração da Folia de Reis inspira a produção das obras finais, inaugurando a vinda de novos recomeços.

**Palavras chave:** Cotidiano. Ecologia decolonial. Devaneio. Poética interiorana. Festa popular.

## RESUMEN

Esta investigación en arte reflexiona sobre la relación entre el ser humano y la naturaleza a partir de un movimiento de retorno que se despliega desde un gesto de encuentro, mirando a las enseñanzas de la tierra, los ancianos y otras narrativas que ofrecen otras perspectivas sobre el habitar la tierra, con las enseñanzas de Antônio Bispo dos Santos y Malcolm Ferdinand como referencia. En este viaje, la brújula que guía la investigación son las lecciones aprendidas y las sutilezas captadas del vivir en comunidad, experimentado en São José do Retiro, en el municipio de Itaberaí - GO. La práctica artística se nutre de las ensoñaciones de viajar hacia y desde el interior en su sentido figurado y literal, ayudada por los escritos de Gaston Bachelard, la poesía de Manoel de Barros y el concepto de escritura de Conceição Evaristo. Las inspiraciones artísticas y poéticas proceden de las obras de Antonio Obá, Dalton Paula y Kudzanai Violet-Hwami. Con la confluencia de los conocimientos adquiridos, la celebración de Folia de Reis inspira la producción de las obras finales, dando paso a nuevos comienzos.

**Palabras clave:** Vida cotidiana. Ecología decolonial. Ensueño. Poética interior. Fiesta popular.

## **Lista de ilustrações:**

- Figura 1. Walmir Elias. Registro de São José do Retiro, 2023.
- Figura 2 - Kudzanai Violet-Hwami. *Newtown* (Nova cidade), 2019.
- Figura 3 - Antonio Obá. *At the gates of Paradise*, 2020.
- Figura 4 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A5, 2024.
- Figura 5 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A5, 2024.
- Figura 6 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A5, 2024.
- Figura 7 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A5, 2024.
- Figura 8 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A5, 2024.
- Figura 9 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A5, 2024.
- Figura 10 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A5, 2023.
- Figura 11 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A5, 2023.
- Figura 12 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A5, 2023.
- Figura 13 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A5, 2024.
- Figura 14 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A5, 2024.
- Figura 15 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A5, 2024.
- Figura 16 - Dalton Paula. *Chico Rei*, 2020.
- Figura 17 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A5, 2024.
- Figura 18 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A5, 2023.
- Figura 19 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A5, 2023.
- Figura 20 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A5, 2024.
- Figura 21 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A4, 2024.
- Figura 22 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A5, 2024.
- Figura 23 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A4, 2024.
- Figura 24 - Walmir Elias. *Do veneno seu próprio antídoto*, 2023.
- Figura 25 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A4, 2024.
- Figura 26 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A4, 2024.
- Figura 27 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A5, 2023.
- Figura 28 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A4, 2024.
- Figura 29 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A4, 2024.
- Figura 30 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A4, 2024.
- Figura 31 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A5, 2024.
- Figura 32 - Dalton Paula. *Nã Agotimé*, 2023-24.

Figura 33 - Walmir Elias. Estrela Guia, 2024.

## SUMÁRIO

<b>SONHAVA ACORDADO</b>	<b>14</b>
<b>1 REGRESSO</b>	<b>15</b>
<b>2 VOLTAR AO INTERIOR</b>	<b>17</b>
<b>3 PISAR A TERRA DESCALÇO</b>	<b>21</b>
<b>4 CONSTELAÇÃO DE SÍMBOLOS</b>	<b>24</b>
<b>5 MERGULHAR NA FANTASIA</b>	<b>35</b>
5.1 FESTAS POPULARES	54
<b>6 CANTO DAS SIRIEMAS</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>60</b>

## SONHAVA ACORDADO

Sempre me pegava sonhando acordado, observando as coisas ao meu redor, recortando a realidade, acrescentando minha imaginação ou não, quando estava em trânsito ou nos momentos de pausa para tomar fôlego e apreciar a vida com calma, caçando significados ou admirando a beleza das coisas. Carrego essa mania desde pequeno, com o passar do tempo o que mudou foram as influências e o repertório que adquiri, passei a conhecer mais histórias, descobrir diferentes perspectivas sobre o mundo e o olhar. Fui percebendo como uma mesma cena pode ser vista de diversas maneiras e dela exprimir diferentes significados, e que cada vez mais percebia tudo estar conectado. Essas experiências e aprendizados foram guardados em mim, e por carregá-los, sentia a vontade de passá-los a frente, e uma das formas que encontrei foi através da arte.

Esta pesquisa propõe a documentação do desenvolvimento de meu processo artístico, no período que antecede sua realização e durante a escrita deste trabalho. O início se dá com o capítulo “Retorno”, situando a região de São José do Retiro - GO, local onde minhas idas espacialmente e simbolicamente nortearam a realização de meus trabalhos. Seguido pelo capítulo “Voltar ao interior”, que prossigo com a contextualização do que conduzirá a pesquisa, introduzindo o trânsito geográfico e metafórico ao interior, auxiliado pelos escritos de Gaston Bachelard a elucidar as idas e vindas, realizadas pelo devaneio.

Em “Pisar a terra descalço”, trato com mais profundidade as questões políticas e sociais que envolvem o habitar a terra, e a relação díspar entre seres humanos e natureza, consultando os escritos dos pensadores Antônio Bispo dos Santos e Malcolm Ferdinand, como suporte de elaboração e aprendizado sobre as camadas de maior profundidade do tema. Pois este tópico é um dos pilares na reflexão crítica e concepção de meu pensar e fazer artístico.

Seguindo com “Constelação de símbolos”, apresento parte expressiva da realização de meus desenhos e o desenvolvimento das etapas que seu tratamento passou, em uma tentativa de compreender como meu processo se vinculava com as elucubrações da idéia de retorno ao interior, em sua primeira parte demonstro o que nomeei como catálogo de ícones, onde reuni em desenhos diversos signos comuns a realidade interiorana. Prosseguindo com “Mergulhar na fantasia”, lugar onde mostro como as etapas até aquele momento se condensam em um fazer artístico mais conciso, por ter me permitido produzir sem refreamentos. Com seu subcapítulo “Festas Populares”, dedicado a apresentar um recorte mais específico da realidade cotidiana de São José do Retiro, que inspirou a realização de duas pinturas.

## 1 REGRESSO

Indo e voltando, subindo e descendo ladeira, entre trieiros, estradas, ruas e rodovias. Com os olhos na paisagem, caminhada ou no céu, via as coisas passando, a jornada se criando e o tal destino se aproximando. Fazendo pouso em uma casa aqui outra acolá, carregando na capanga da lembrança, memórias de todos os lugares por onde passei, trago comigo os cheiros, a textura das terras tocada pelos pés descalços, as cores dos objetos e das paredes, a medicina das plantas, o frescor das águas, o aconchego dos quintais e das sombras e o encanto de cada estrela.

De tanto me deslocar minhas raízes são dispersas, carrego comigo todos os lugares por onde passei e fui presenteado e presenteei com sementes que em possuem a potência de germinar prosperidades que darão frutos de renovação. Atravessado por isso, fiz uso dessa pesquisa como um veículo que me possibilitou realizar uma jornada de regresso a lugares por onde passei e fui marcado pelo encanto da beleza e do horror. Situações que minha atenção foi capturada muitas vezes por pequenos detalhes sutis que me hipnotizaram e me permitiram desacelerar e ver com atenção, a arte com sua capacidade de produzir suspensão, onde por um instante o tempo para e nada mais importa do que estar.

Através desta viagem de regresso feita pela memória de lembranças que surgiam de forma consciente ou inconsciente pelo encontro de cheiros, objetos e cores que agiam como gatilhos, que ativavam o lembrar das vivências na roça - a proximidade do corpo com as plantas e a terra, o canto das aves e outros animais e as comidas típicas que perfumavam toda a casa - especificamente no povoado de São José do Retiro (Figura 1) popularmente chamado apenas de Retiro - município de Itaberaí - GO. Localizado nas imediações do assentamento do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra) Carlos Marighella, do povoado de Gongomé - também município de Itaberaí - e a cidade Americano do Brasil - GO, cidade onde nasci.

O povoado de São José do Retiro possui em seu “centro” uma Igreja católica e uma evangélica, uma escola, botecos - que fornecem mesas de sinuca, bebidas, cigarros, suprimentos e miudezas de diversos tipos - uma quadra poliesportiva, um cemitério, as casas dos habitantes e as roças que compõe o vilarejo. Mas não são essas estruturas com seus títulos específicos que representam aquele lugar, as pessoas são quem dão vida e sentido a aquele cantinho quase que escondido na região noroeste de Goiás, com suas histórias, trajetórias, vivências e saberes. Sem cada uma das pessoas que ali vivem ou que por ali

fizeram passagem, as construções antes citadas não passariam de paredes vazias que carregam pequenos rastros gastos pelo tempo.

Agora tendo introduzido um pouco sobre o lugar que centraliza as inspirações dos passos desta jornada que não é retilínea. Esta apresentação situa onde é este lugar que fez parte de vários estágios de minha vida até o momento, e que foi cenário de acontecimentos e situações que vivenciei em pessoa ou que acessei através da imaginação ao ouvir histórias dos mais velhos e mais novos. Com isto, tendo este repertório de atravessamentos, será este o material usado de ponto de partida que resultou nas produções artísticas que se encontram neste trabalho.

Desse memorar atravessado pela interferência de devaneios e fabulações, passei a registrar objetos que se repetiam e tinham uma presença marcante e simbólica naquele lugar, e que veio ao mundo em um complexo emaranhado de formas canalizadas na produção de obras artísticas.



Figura 1. Walmir Elias. *Registro de São José do Retiro*, 2023. Fotografia digital.

Fonte: Arquivo Pessoal

## 2 VOLTAR AO INTERIOR

Tendo residido sempre na cidade – especificamente a cidade de Trindade - GO – as idas e vindas ao interior sempre foram frequentes, e esse trânsito foi importante para reconhecer aspectos tanto de um espaço quanto a outro, graças às distâncias que permitiam o olhar mais amplo de cada um. Os deslocamentos representam forte parte dos devaneios, por proporcionar uma introspecção, e uma observação sensível, durante eles além do corpo em movimento, a imaginação também fazia sua viagem, observando a paisagem me perdia em meus pensamentos, indo para outros lugares e/ou fantasiando sobre o visualizado, favorecendo a exploração criativa.

Desta forma nas idas ao interior de Goiás, também foram idas ao meu interior pessoal, de minhas emoções, lembranças e fantasias, maioria das vezes auxiliado pela música me perdia em meu inconsciente e era presenteado com momentos de inspiração e epifania que vinham em forma de imagens que sempre que possível as registrava em desenho. Inspirado pelas obras da artista zimbabuana Kudzanai Violet-Hwami (Figura 2), que em seu trabalho poético cria obras a partir das experiências de seus trânsitos entre geografias, utilizando-se de cenas cotidianas para construção de seu trabalho, onde dialoga sobre globalização, e como através de sua mente ela rompe as barreiras geográficas e do tempo, habitando simultaneamente todos os lugares que a marcaram.

Imagens que primordialmente vinham muito atreladas a momentos de contemplação, em que a pausa se faz necessária para percepção da beleza existente nas sutilezas do cotidiano, cenas que sempre envolviam o corpo em repouso (Figura 3) e a presença da natureza em sua forma tranquila e leve. Percebi a repetição desse padrão e sua frequência quando me dei conta de que ele surgia em instâncias em que havia um desejo de estar naquela cena e/ou documentá-la. A compreensão disto surge após muitos desenhos e ao retornar a eles notei a recorrência do que possuíam em comum, e neste processo de voltar-me ao interior, afastar-me, observar e repetir, diálogo com Bachelard que em suas palavras diz:

Fechado no ser, sempre há de ser necessário sair dele. Apenas saído do ser, sempre há de ser preciso voltar a ele. Assim no ser, tudo é circuito, tudo é rodeio, retorno, discurso, tudo é rosário de permanências, tudo é refrão de estrofes sem fim. (Bachelard, 2008, p. 217)

Nos movimentos de repetição - conscientes ou inconscientes - de retorno aos lugares que fizeram morada em meu lembrar, e nos gestos de representá-los em desenhos e/ou rabiscos, o caderno de artista foi um suporte essencial para construção e documentação desta jornada. Ao mapear símbolos, cenas, e tudo o mais que percebia que representavam um arquétipo da paisagem cerratense e interiorana do estado de Goiás, tive inspiração nas obras do artista Antonio Obá, que em seu trabalho apresenta de maneira expressiva o cerrado goiano que é comum a vivência do artista, a exemplo, a obra *At the gates of paradise*, 2020 (Figura 3), possuindo a figura de duas mulheres posicionadas como se uma fosse o reflexo/espectro da outra, representam as guardiãs das portas do Paraíso (extinto parque que existiu na Flórida - EUA), ao centro um Quero-Quero, ave comum no centro-oeste brasileiro, conhecido por sua valentia em proteger seu ninho, atacando quem se aproxima. A pintura assim produz uma narrativa que parte de uma realidade estrangeira, mas que se enraíza em um território familiar ao artista, ambientando com as cores do céu e vegetação do cerrado que lhe é íntimo.

Nisto, comecei a observar com mais atenção as plantas, a arquitetura das casas, os objetos, texturas, cores, formas e conteúdos de por onde passei. Com o exercício de registrar fotografias com o celular e desenhos rápidos, pude perceber a possibilidade de criar mundos através da fabulação e recebi o presente da poesia, o poder “voar fora da asa” (Barros, 2016, p. 19). Uma fruta sobre a mesa não era somente uma fruta, nela havia todo um universo. E me aguçava a vontade de saber que história possuía, então imaginava de trás pra frente qual foi seu caminho. Quem a colheu, em que galho estava, seu processo de nascer e amadurecer, que antes do fruto veio a flor, de sua árvore que dos nutrientes da terra, águas do céu e raios do sol produziu sua energia que se transformou em alimento.





Figura 3 - Antonio Obá. *At the gates of Paradise*, 2020. 200x289cm.

Fonte: Mendes Wood DM. Disponível em:

<https://mendeswooddm.com/pt/artists/19-antonio-oba/works/35083-antonio-oba-at-the-gates-of-paradise-2020/>

### 3 PISAR A TERRA DESCALÇO

Ouvir o canto de diversos pássaros, a abundância de brilho dos raios solares refletidos na vegetação, sentir o ar preencher o peito, o calor da luz e o acalanto dos ventos a sombra, o prenúncio do orvalho ao anoitecer, a vastidão do universo visível na imensidão de estrelas vistas na noite ou o poder andar pela noite somente com a luz azulada vinda da lua. O contato com a natureza que pude ter quando criança até a chegada das primaveras da vida adulta, foi como um presente que as divindades me proporcionaram.

Apesar dessa proximidade com a natureza entretanto, sempre residi na cidade, e o que proporcionava esse contato era o trânsito constante para a casa dos meus avós que se situa no município de São José do Retiro já citado anteriormente. Ainda que fosse zona rural, havia ali forte presença de matas, cachoeiras e cerrado. Infelizmente, conjugo no passado devido boa parte ter sido destruída pelo avanço do agronegócio. Minha experiência se deu no período quando ainda restava um pouco de área preservada.

No pisar dos pés descalços na terra, o caminhar tem de ser paciente, desde pequeno era carrapato<sup>1</sup> de meu avô, seguia ele pelas matas sendo encantado por seu conhecimento do nome e propriedades das plantas só de bater o olho. Ajudava-o nas tarefas diárias, e o observava dizer se o tempo era de chuva só de olhar para a lua. Minha avó, ‘fazedeira’ de alquimias na cozinha, e conhecedora do tempo das plantas, cultivava a horta no fundo da casa onde me levava para colher as verduras que nos alimentavam em nossas refeições. Pude ter muitos aprendizados com eles, mas sei que foi apenas uma pequena fração de todos os saberes que carregam.

Era muito comum quando alguém adoecia ou sofria de alguma enfermidade buscarem socorro com benzedeiras e raizeiras, possuidoras do conhecimento das plantas, rezas, simpatias e feitiços para tudo quanto é situação, desde dor de dente à picada de cobra. Ficava fascinado com os saberes dos mais velhos, e pensava se um dia também aprenderia sobre tanto. Mas como citei, cresci na cidade e nela não se ensina sobre essas coisas, o “tempo” urge, tudo é acelerado, parece que sempre estamos atrasados e o tempo do dia não é o bastante para tanto que a metrópole nos obriga. Minha criança ficava confusa, por sentir tanta diferença de um lugar para outro como se fossem dois mundos diferentes.

Com o amadurecimento - ou enrijecimento - fui percebendo que a cidade negava o campo, a terra, a natureza e seus ensinamentos. Aqui peço licença, ao trazer o grande pensador, professor, filósofo, poeta, escritor, líder quilombola, ativista político brasileiro,

---

<sup>1</sup> Expressão popular empregada para se referir a uma pessoa que sempre está próxima de outra.

entre tantas outras qualidades que ainda assim não conseguem definir a grandeza de Antonio Bispo dos Santos, popularmente conhecido como Nêgo Bispo. Bispo em sua bondade de nos transmitir seus conhecimentos disse:

O que é a cidade? É o contrário da mata. O contrário da natureza. A cidade é um território artificializado, humanizado. A cidade é um território arquitetado exclusivamente para os humanos. Os humanos excluíram todas as possibilidades de outras vidas na cidade. Qualquer outra vida que tenta existir na cidade é destruída. Se existe, é graças à força do orgânico, não porque os humanos queiram. (Santos, 2023, p. 10).

E até mesmo a vida dos humanos não cabe na cidade, visto que a maior parte do tempo de nossas vidas estamos lutando apenas por sobrevivência, e aos montes a vida se esvai. Na “corrida dos ratos”<sup>2</sup> somos massacrados pelo capitalismo selvagem, e em sua lógica individualizante do ser, que aliena a cremos que não somos parte da natureza, cada vez mais adoecemos a nós e ao planeta. Tendo compreendido que é importante que tenhamos em mente que se o desafio é complexo, a resposta não surgirá de forma simples, já que a questão da preservação ambiental e nossa relação com o meio ambiente, não é isolada de outras lutas. Debater a degradação da natureza sem ponderar outras lutas políticas contra violências de raça, classe e gênero é agir como a frase atribuída a Chico Mendes: “Ecologia sem luta de classes é jardinagem”<sup>3</sup>, também trago o autor Malcolm Ferdinand que reforça a importância de entender a luta ecológica em sua dimensão política para além da generalização que enfraquece e distorce a noção do que é lutar pela natureza:

A ecologia decolonial é uma crítica renovada das colonizações históricas e contemporâneas, bem como de seus legados, crítica que leva a sério as questões ecológicas do mundo. Em primeiríssimo lugar, trata-se de reconhecer que a relação colonial não se reduz a uma relação entre grupos de humanos. Ela compreende também relações específicas com não humanos, paisagens e terras por meio do habitar colonial da Terra. Isso significa que a emancipação da dominação colonial não pode ser pensada unicamente como uma mudança da relação de humanos com humanos. Ela implica também uma transformação da relação colonial com as paisagens e com os não humanos, inclusive em suas formas escravagistas. A ecologia decolonial é, portanto, um prolongamento ecológico das críticas existentes da fratura colonial. (Ferdinand, 2022, p.198)

---

<sup>2</sup> Expressão referente ao ciclo vicioso de trabalho excessivo e despesas sem fim.

<sup>3</sup> Pela difusão da frase não encontrei fontes primárias de sua origem, nem mesmo datas.

A partir disso tive compreensões mais profundas sobre a pauta de repensarmos nossa relação com a natureza, entendendo suas camadas de complexidade, se fez parte essencial para prosseguir com minha pesquisa, visto que o debate ecológico é um pilar essencial em minha construção poética. Por ser um produtor de imagens, e as mesmas não sendo inocentes – toda imagem é política – me aprofundar sobre o tema se fez imprescindível.

## 4 CONSTELAÇÃO DE SÍMBOLOS

Com uma frequência quase devocional, mantive uma rotina de sempre que possível mesmo que um rabisco rápido, desenhar todos os dias. Copiosamente praticava o exercício de desenhar, me encantava a liberdade sem limites de possibilidades, de transfigurar a realidade tridimensional, inventar, deixar correr livre a criatividade sobre um plano bidimensional. Tendo isto, o desenho é parte fundamental em minha prática artística. É a partir dele, que o que era devaneio, adquire meios para deixar de ser imagem mental e se torna real, e o que é imaginação se torna matéria, assim sou contemplado pelas palavras de Bachelard em seus estudos sobre a imaginação material: “pensar a matéria, sonhar a matéria, viver na matéria, ou então – o que dá no mesmo – materializar o imaginário” (Bachelard, 1943 apud Simões, 1999, p. 23)

Tendo esta ferramenta e sua infinitude de viabilidades, ainda por um longo período de tempo somente desenhava com o uso de referências de bancos de imagens da internet e de meu acervo de fotografias feitas com celular, assim me fazendo refém delas para produzir. Por minhas ideias e desenhos partirem unicamente a partir delas, minha postura se dava de forma passiva em relação a criação artística, porém, com estas duas fontes, pude colher bons frutos e aprendizados. Destes acervos realizei diversos desenhos, e surgiram representações de plantas (Figura 4), cenas cotidianas (Figura 5) e ferramentas (Figura 6). E mesmo que tendo sido feitas de maneira despreziosa e sem intenção de seguir um fio narrativo a priori, existia entre elas implicitamente o fator em comum de remeterem a realidade interiorana de São José do Retiro.

Desta maneira, por neste período de minha produção ter realizado majoritariamente desenhos soltos, em um desejo de reunir símbolos que percebia terem presença mais frequente no ambiente rural, me coloquei a construir como que um catálogo de ícones. Meu olhar e fazer naquele momento se voltava exclusivamente a capturar uma quantidade que considerasse significativa dos signos identificados, sendo eles as plantas recorrentes da região cerratense que aprendi com os mais velhos a identificar e saber alguns de seus usos medicinais e/ou alimentícios, como a mutamba, ingá, arruda, cajuzinho-do-cerrado, aroeira (Figura 7) e fumo (Figura 8), também os animais como vacas (Figura 9), cobras (Figura 10), carcarás (Figura 11), galinha-d’angola (Figura 12) e cenas cotidianas como cachorros brincando (Figura 13), a moto de meu avô estacionada em frente a casa (Figura 14) e registros da folia de reis (Figura 15).



Figura 4 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A5*, 2024. Caneta Brush sobre papel Lefranc & Bourgeois 110g/m<sup>2</sup>. 14,8x21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

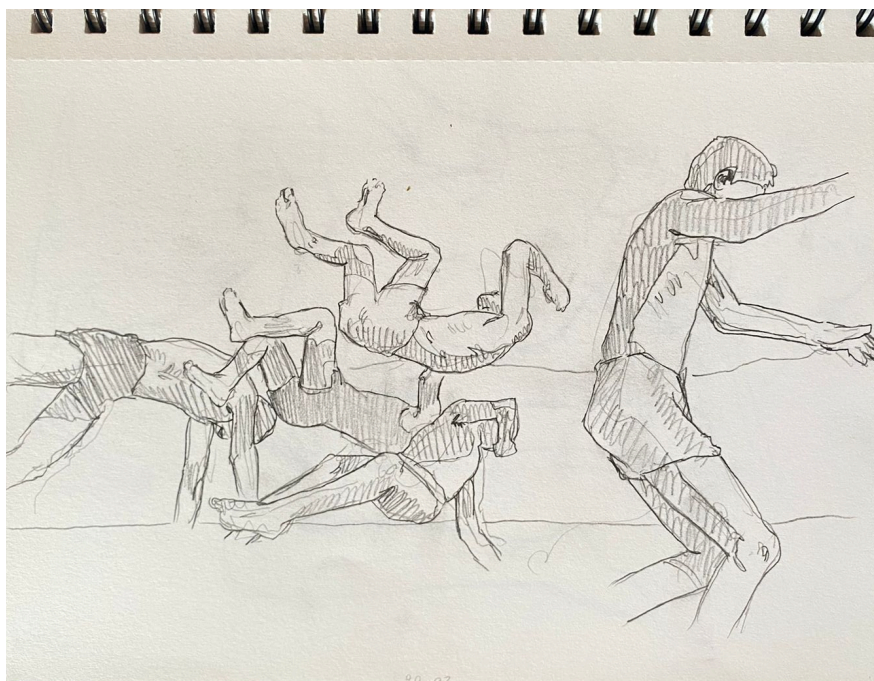


Figura 5 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A5*, 2024. Grafite sobre papel Lefranc & Bourgeois 110g/m<sup>2</sup>. 14,8x21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 6 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A5*, 2024. Caneta Brush sobre papel Lefranc & Bourgeois 110g/m<sup>2</sup>. 14,8x21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 7 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A5*, 2024. Caneta Brush sobre papel Lefranc & Bourgeois 110g/m<sup>2</sup>. 14,8x21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 8 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A5*, 2024. Caneta Brush sobre papel Lefranc & Bourgeois 110g/m<sup>2</sup>. 14,8x21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

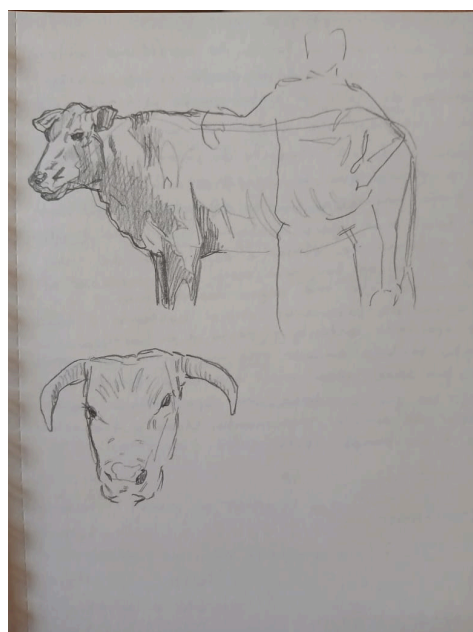


Figura 9 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A5*, 2024. Grafite sobre papel Lefranc & Bourgeois 110g/m<sup>2</sup>. 14,8x21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

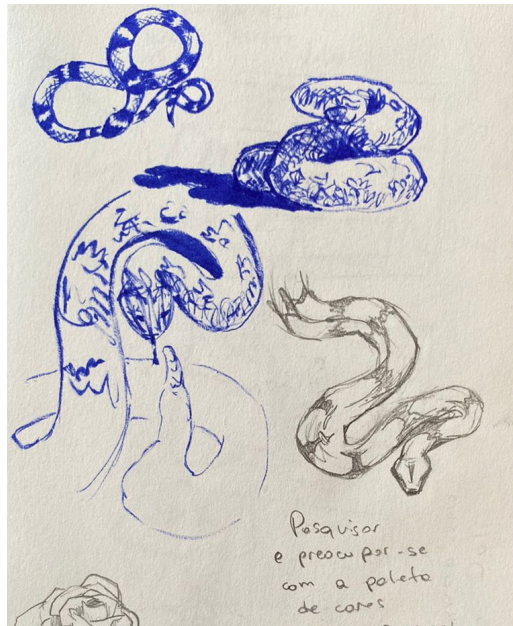


Figura 10 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A5*, 2023. Caneta Brush sobre papel Canson 100g/m<sup>2</sup>. 14,8x21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 11 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A5*, 2023. Grafite sobre papel Canson 100g/m<sup>2</sup>. 14,8x21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

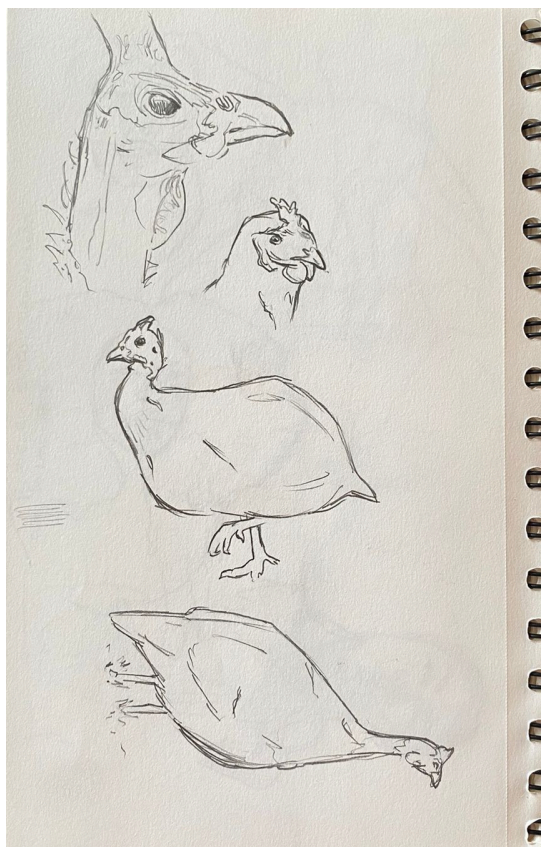


Figura 12 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A5*, 2023. Grafite sobre papel Canson 100g/m<sup>2</sup>. 14,8x21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 13 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A5*, 2024. Grafite sobre papel Lefranc & Bourgeois 110g/m<sup>2</sup>. 14,8x21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 14 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A5, 2024.* Grafite sobre papel Lefranc & Bourgeois 110g/m<sup>2</sup>. 14,8x21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 15 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A5, 2024.* Grafite sobre papel Lefranc & Bourgeois 110g/m<sup>2</sup>. 14,8x21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

Imerso nessa produção surge então um impasse de por mais que possuísse técnica, que seguisse formas e “regras” que somatizam na construção de um bom trabalho, eu me colocava refém de meu próprio olhar e meu gesto havia se tornado mecânico. A origem não estava no uso de referências, mas com o que eu fazia com elas, de que forma eu enquanto artista recebia essas imagens e no que as transformava, ao invés de somente criar uma reprodução fidedigna. Assim, ouvindo o que o trabalho tinha a me dizer, foi necessário equilibrar duas medidas: a técnica e a liberdade criativa, com esse entendimento, concordo com as palavras de Kandinsky:

Uma obediência cega às leis científicas nunca é tão perigosa quanto uma fútil negação dessas leis. Na primeira hipótese, chega-se a uma imitação da natureza (material) que pode corresponder a determinados objetivos. Na segunda, é-se culpado de uma fraude que, como todo delito, é acompanhado de uma longa série de consequências desagradáveis. A submissão às leis científicas esvazia a atmosfera moral de seu conteúdo. Endurece-a. Mas sua negação, pelo contrário, envenena-a e contamina-a. (Kandinsky, 1996, p. 126)

Desta forma, tendo que ajustar os pesos da balança, a medida que mais necessitava atenção em relação a outra, era a de me permitir ser menos rígido com as primeiras etapas e as ideias que surgiam, deixar a criatividade se desenrolar sem ficar a refreando com preciosismo técnico. Tomar tento<sup>4</sup>, e ter uma postura ativa sobre a escolha e manipulação das imagens, ter as referências imagéticas como aporte, e não mais como foco principal, e assim ser mais sincero com meu fazer artístico. Com este movimento, passo a registrar mais as ideias que tinha guardado e assim novas ideias ganham espaço para surgir e também serem esboçadas, nisto passo a desenhar em uma quantidade muito maior.

Sendo assim, é atribuído ao caderno de artista a missão de ser um receptáculo, é nele onde reuni todos os rabiscos, anotações, esboços e idéias, tendo-o como suporte o ir e voltar a idéias se torna mais prático, pois esse trânsito cíclico de retornos e partidas é presente tanto no pensar como no realizar, voltar ao interior para adquirir insumos a criação, e retornar a desenhos já feitos para encontrar o que o fazer artístico tem a dizer, da mesma forma que procura-se ajuda a um mais velho para compreender aquilo que só o tempo ensina, nesse caso sou eu conversando com meu eu do passado através da arte, pensando sobre a mesma, nesse sentido coincido Cecilia Almeida Salles quando ela escreve sobre diálogos íntimos no processo de criação:

---

<sup>4</sup> Expressão popular que se refere a prestar mais atenção, tomar para si o controle da situação.

Uma mente em ação mostra reflexões de toda espécie. É o artista falando com ele mesmo. São diálogos internos: devaneios desejando se tornar operantes; ideias sendo armazenadas; obras em desenvolvimento; reflexões; desejos dialogando. São pensamentos que, às vezes, são registrados em correspondências, anotações e diários. (Salles, 1998, p. 43)

E neste ciclo do fazer, se distanciar, refletir e repetir, começo então a fabular novas ideias a partir dos desenhos que já havia feito<sup>5</sup>, e assim composições passam a ganhar forma, agora os esboços possuem um conteúdo mais diverso, e as possibilidades de criação se amplificam. Inspirado a dar vida às minhas próprias histórias, unir tudo que havia realizado até o momento, a catalogação de ícones, coleta de registros das idas a São José do Retiro, e elucubração de ideias, me deparei com o desafio de como construir uma narrativa sobre a matéria e suporte estático do desenho e posteriormente da pintura. É então, quando tive contato com as obras dos artistas Dalton Paula e Antonio Obá, que acessei a resposta de meu impasse, vendo e lendo sobre seus trabalhos, que pude entender melhor com seus exemplos, como manuseiam os elementos imagéticos a favor da concepção de suas poéticas.

A título de exemplo trago a obra intitulada “Chico Rei” (Figura 16) de Dalton, nela está representado Chico Rei, personagem histórico que foi silenciado da história do Brasil. Através da pintura, o artista dá rosto a esse personagem, e o homenageia. O fundo de tom azulado faz menção à técnica de foto pintura, que se utiliza da união da fotografia e pintura que se popularizou nos interiores do Brasil, por possibilitar a ressignificação de retratos. A obra é formada pela união de duas telas e a pintura possui espaços vazios que representam as lacunas, vazios existentes na biografia dos personagens e da historiografia brasileira, o nariz é destacado intencionalmente para valorizar os traços que também contam uma história, e a folha de ouro no cabelo reafirma a realeza das figuras como uma coroação e faz alusão ao Ori, palavra em iorubá que significa “cabeça” e que representa a divindade pessoal de cada pessoa nas religiões de matriz africana.

Entretanto neste momento houve um hiato na minha produção de pinturas. Mas a realização de desenhos se manteve contínua, prossegui com inspiração nas cenas cotidianas de São José do Retiro, mas algo me incomodava, sentia que havia um conflito em não sentir que o trabalho exprimia o que almejava. Ora eram literais demais, noutra não via verdade em sua essência, havendo um receio em interferir na matéria lembrada. É no entendimento e aceitação de que o ato de memorar possui sempre vestígios de ficcionalização, e que o lembrar já é imaginar, que ao formar uma imagem mental já estamos inventando, e

---

<sup>5</sup> Ver figuras 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10.

“sonhamos enquanto nos lembramos”. Lembramo-nos enquanto sonhamos.” (Bachelard, 2006, p. 96).

Buscando libertar o processo artístico do que estava atravancando-o, considero o que Bachelard em seus escritos diz: “Na nossa infância, o devaneio nos dava a liberdade. E é notável que o domínio mais favorável para receber a consciência da liberdade seja precisamente o devaneio.” (Bachelard, 2006, p. 95). Com isto, assumi o devaneio em meu processo, desbloqueando novos horizontes por onde pude voar, tomei o lembrar como solo fértil para plantio das sementes da fabulação e floriram no mundo, oferecendo seus frutos em forma de arte.

E nessas viagens o processo de registro no caderno de artista, não mais somente catalogava ícones, mas incorporou um mapeamento de fantasias, onde construí parte de uma mitologia interiorana (em seu duplo sentido) própria, da qual sua autoria não é unicamente minha mas pertence aos atravessamentos advindo da vivência na roça, as experiências em comunidade, dos saberes partilhados pelos mais velhos e mais novos, o contato próximo a natureza e seus mistérios.

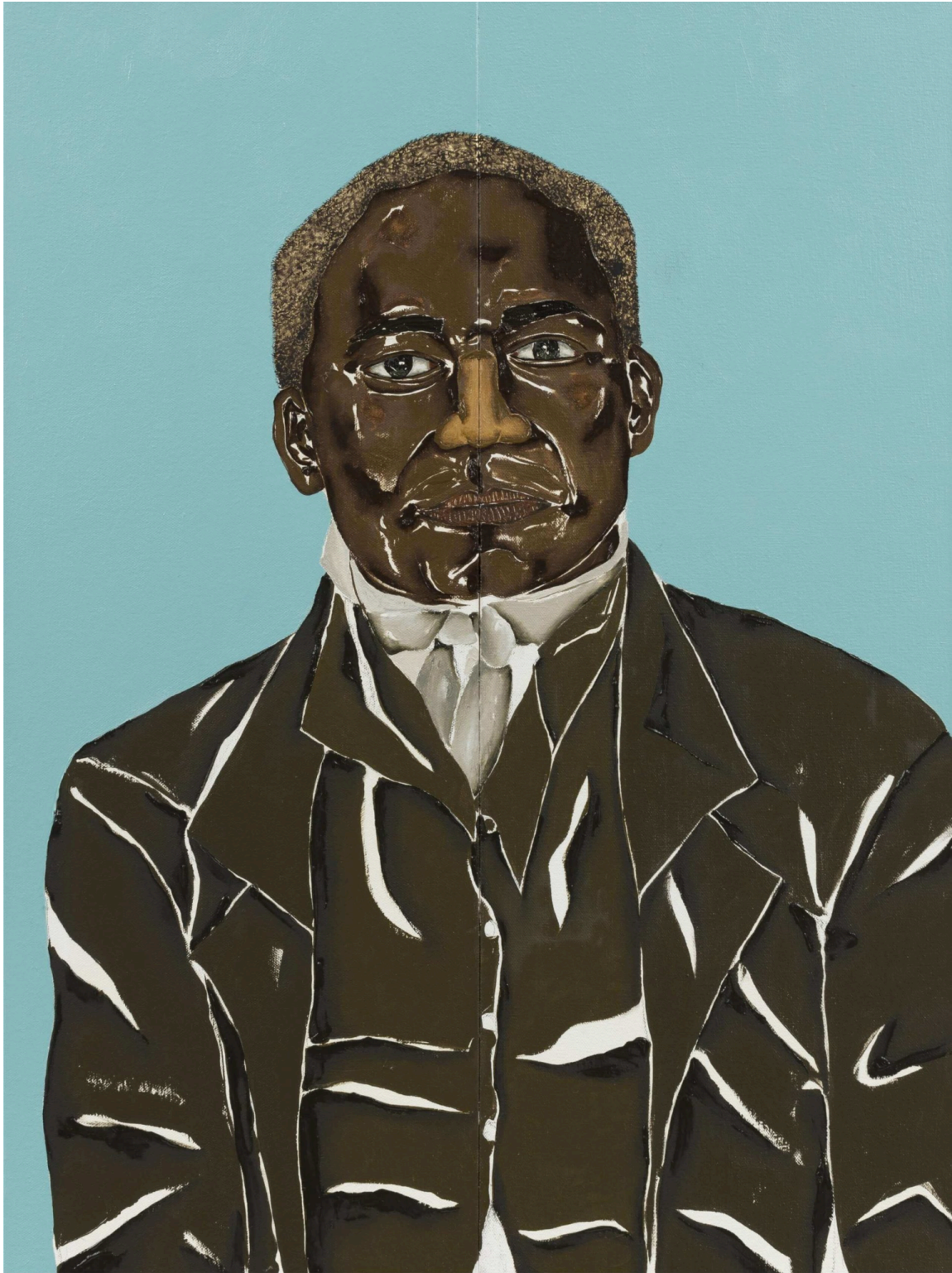


Figura 16 - Dalton Paula. *Chico Rei*. Óleo e folha de ouro sobre tela. 61 x 45 cm. 2020.  
Foto: Joerg Lohse

## 5 MERGULHAR NA FANTASIA

Interferir na realidade através da arte, criar mundos onde tudo é possível. Ser atravessado pela beleza e o horror, fazer do impossível o possível, mergulhar de cabeça na imaginação e navegar por suas águas, seguir em seu fluxo e permitir que banhe o vivido fazendo transbordar fantasia. Por apreciar momentos cotidianos e olhá-los como pontes para acessar ficções, “Gestos formadores que se revelam, em sua intimidade, como movimentos transformadores da mais ampla diversidade. Cores transformadas em sons, cotidiano em fatos ficcionais, poemas em coreografias ou imagens plásticas.” (Salles, 1998, p. 27), o farfalhar das folhas se torna mágico graças ao poder da poesia, como diz Manoel de Barros (2016, p.) em um de seus poemas através dela “[...] Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela. O menino fazia prodígios. Até fez uma pedra dar flor.” Como o encontro de afluentes que se somam contribuindo no aumento de seu volume e fluxo, as etapas até aqui, com erros e acertos, se juntam confluenciando no enriquecimento do projeto poético.

Reunindo todo o repertório pictórico que construí, comecei a incrementar os devaneios às ideias que me ocorriam. Anteriormente, por perder muito tempo elaborando conceitos antes da concepção dos desenhos, isso acabava por bloquear o surgimento dos mesmos, então para destravar a produção, me permiti somente fazer e depois refletir sobre o que surgiria.

Imerso em pensar sobre o mergulhar no inconsciente dos devaneios, surgiram diversos desenhos de figuras literalmente mergulhando, tendo a representação destes com a simbologia de se entregar de corpo e alma, já que nesse ato, sujeita-se a fé de que a queda será amortecida pela água. Da mesma forma era o que estava fazendo em meu trabalho, me entreguei ao voo proporcionado pelo abismar, sem muita preocupação ao que viria a surgir e segui criando. Deste momento as figuras em queda sempre estavam acompanhadas de outros signos dos mais diversos, como copos (Figura 17) ou bananeiras ao fundo (Figura 18 e 19).

Os desenhos onde a suposta queda se dava em recipientes de conter água, visualizava a representação de um entregar-se a algo que não contém a grandiosidade do gesto. Nos que tinham bananeiras (Figura 18 e 19) ao fundo até então não compreendi o que aqueles rabiscos queriam dizer. Em outros, comecei a colocar seus saltos em paralelo ao voo de aves (Figura 20), relacionando o mergulhar na possibilidade da sensação breve de voar.

Refletindo depois sobre a recorrência do mergulhar nos desenhos me lembrei de, quando na infância, um dos passatempos preferidos das crianças na roça era ficar a tarde toda mergulhando no poço. Retomo aqui o voltar ao interior que me auxilia na criação artística,

onde nesse retorno me encontrei com as lembranças de minha criança, e trago um trecho onde Bachelard discorre sobre o devaneio, a infância e a imaginação:

Então o devaneio voltado para o nosso passado, o devaneio que busca a infância, parece devolver vida a vidas que não aconteceram, vidas que foram imaginadas. O devaneio é uma mnemotécnica da imaginação. No devaneio retomamos contato com possibilidades que o destino não soube utilizar. (Bachelard, 2006, p 106-107).

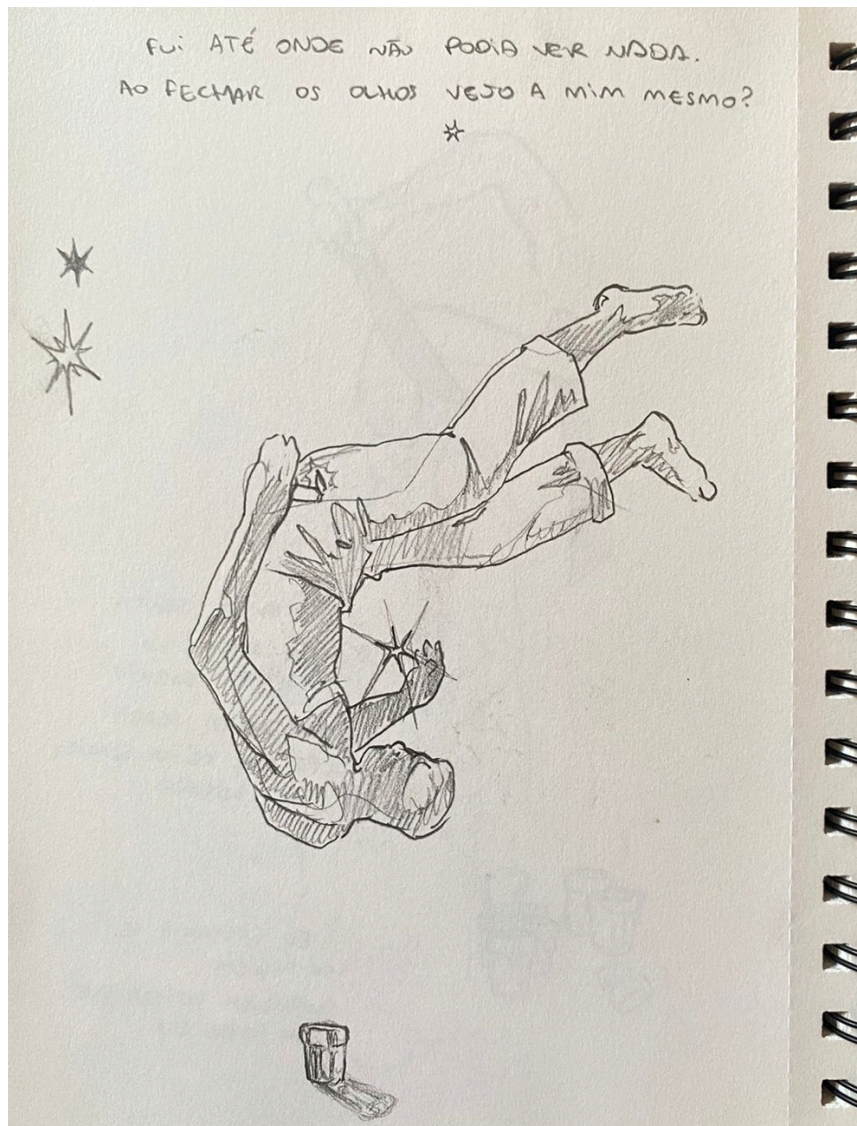


Figura 17 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A5*, 2024. Grafite sobre papel Lefranc & Bourgeois 110g/m<sup>2</sup>. 14,8x21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 18 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A5*, 2023. Grafite sobre papel Canson 100g/m<sup>2</sup>. 14,8x21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

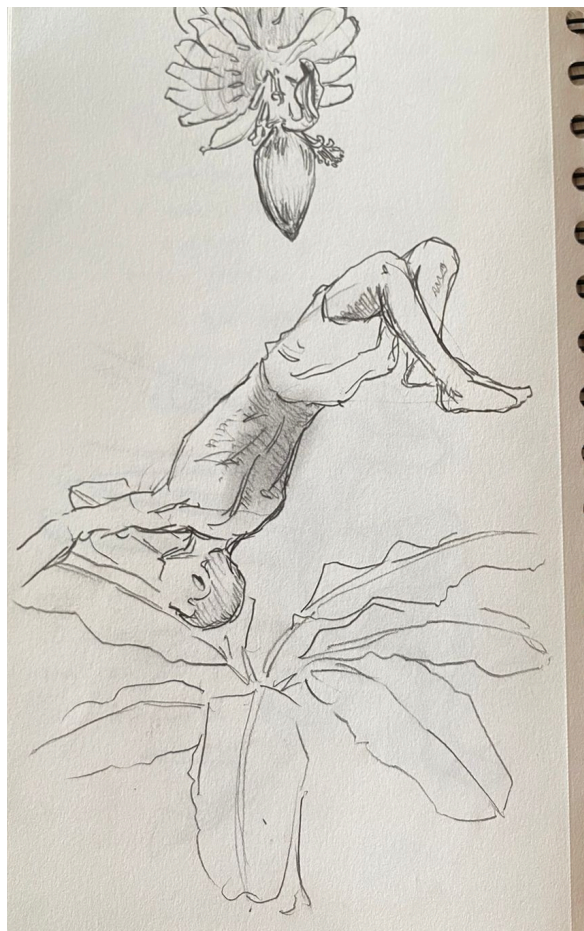


Figura 19 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A5*, 2023. Grafite sobre papel Canson 100g/m<sup>2</sup>. 14,8x21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 20 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A5*, 2024. Grafite sobre papel Lefranc & Bourgeois 110g/m<sup>2</sup>. 14,8x21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

Com isso, reforço o movimento cíclico que acontece em meu processo, por não haver linearidade ora sou movido pelo presente, noutra pela viagem ao meu interior - geográfico e metafórico. Lembro-me de muitas vezes fazer jornada balançando deitado na rede que ficava na varanda da casa de meus avós, acompanhado pelo canto dos pássaros, ou cacarejar das galinhas, olhando o horizonte ou sendo hipnotizado pelo balançar da rede, entrava em transe e me perdia em encantamento. Estes momentos de pausa e ociosidade, também foram frequentes em meus rabiscos, quando os personagens não estavam a mergulhar, majoritariamente estavam em poses de repouso, sentados, deitados e escorados.

Nestas criações creio que fui levado a traçar certo contraponto com a inquietude que a cidade impõe, e a pressão de sempre estarmos sendo produtivos, surge então estes desenhos onde a figura humana se encontra em repouso, em um estado quase tedioso, coloco a ociosidade como ato político. E seguindo a ficcionalização, estes rascunhos em sua maioria estão adornados ou cercados por aves (Figura 21). Como citado anteriormente, não refletia sobre o que viria a ser o conceito empregado na concepção destes esboços nem na carga simbólica de seus signos. Assim, somente mais tarde na realização de outra ideia percebi a simbologia de liberdade que os pássaros podiam carregar. Atingindo essa dimensão no momento em que assumo em minha prática o memorar da infância, sou contemplado pelas palavras de Bachelard: “Na nossa infância, o devaneio nos dava a liberdade. E é notável que o domínio mais favorável para receber a consciência da liberdade seja precisamente o devaneio.” (Bachelard, 2006, p. 95).

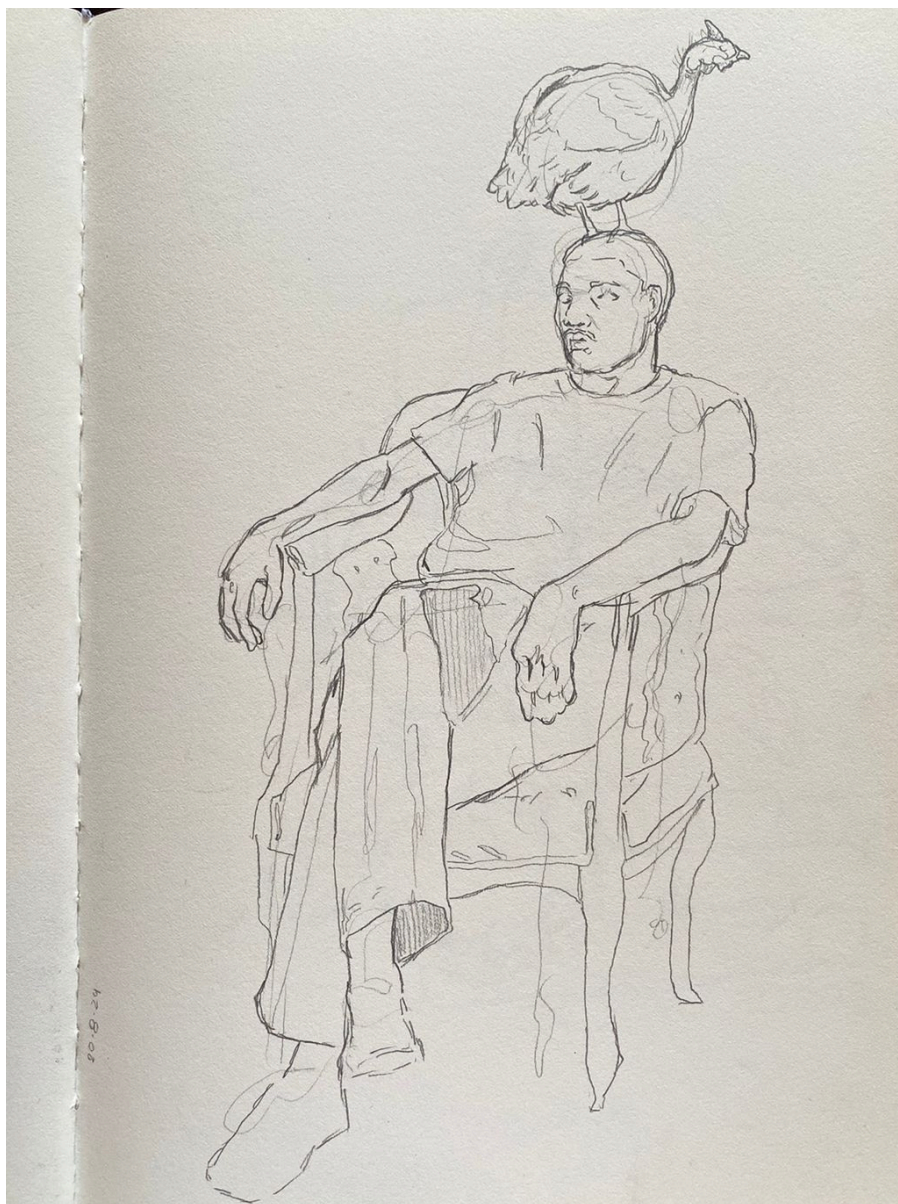


Figura 21 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A4*, 2024. Grafite sobre papel Hahnemühle 120g/m<sup>2</sup>. 29,7x21cm. Fonte: Arquivo pessoal.

Disto, que compreendi o que aqueles desenhos que tanto se repetiam queriam me dizer, a exemplo a figura 21, que tem representada um carcará que repousa sobre a cabeça do personagem ao centro, com suas asas abertas dando a entender que tivesse acabado de pousar e também como se o protegesse. Insiro as figuras humanas em relação de igualdade com os animais e outras formas de vida, como forma de contranarrativa a ideia ocidental de que somos superiores a natureza, como cita Malcolm Ferdinand (2022, p. 24): “[...] a fratura

ambiental decorre desta ‘grande partilha’ da modernidade, a oposição dualista que separa natureza e cultura, meio ambiente e sociedade, estabelecendo uma escala vertical de valores que coloca “o Homem” acima da natureza”.

No embalo destas reflexões, surgiram ideias que expressam imaginários outros da relação entre humano, animais e meio, a exemplo a figura 23, em que a composição onde a vaca está acima da figura humana que está com os pés dentro da água, simbolizando assim a purificação deste enquanto o animal posicionado sobre ele o abençoa. Aqui, faço referência a diversas crenças, onde a vaca é tida como símbolo sagrado, “de um modo geral, a vaca, produtora de leite, é o símbolo da Terra nutriz.” (Chevalier, 2022, p. 1011). Esta ideia surgiu da lembrança de um episódio vivido na roça, durante a folia de reis, quando passavam com a bandeira – objeto sagrado nas manifestações populares de culto aos Três Reis Magos – por uma fazenda e os animais ali presentes se aproximaram, como se assistissem sua passagem.

Ao chegar na roça uma das primeiras coisas a se fazer – depois de tomar benção dos mais velhos – era tirar os sapatos, mesmo que se estivesse de chinelo, a vontade de andar descalço, sentir a terra, se conectar com ela pulsava tanto que nem se via onde largava os calçados, só os jogava em algum canto e já saía correndo pelo quintal. Assim os personagens de minhas produções sempre estão com os pés a tocar o solo, como sinal de conexão e respeito. Na cidade não se pode andar sem sapatos por aí, como coloca Bispo dos Santos (2023, p. 18): “Para andar descalço, é preciso desinfetar o chão: a cerâmica foi criada porque os humanos não podem pisar a terra. Os calçados foram criados porque os humanos não podem pisar a terra. Porque a terra é o anseio original”. Somos parte da natureza, e por termos nos afastado dela que muitos problemas surgem, como continua Bispo a dizer:

A humanidade se desconectou da natureza justamente por ter cometido o pecado original. Seu castigo foi se afastar da natureza. Por isso Adão foi expulso do Jardim do Éden e o humanismo passou a ser um sistema, um reino desconectado do reino animal. Dentro do reino vegetal, todos os vegetais cabem, dentro do reino mineral, todos os minerais cabem. Mas dentro do reino animal não cabem os humanos. Os humanos não se sentem como entes do ser animal. (Santos, 2023, p. 10-11).

Deste sentido, a presença de desenhos de cobras assume diversos simbolismos que se conectam. A priori desenhava-as pelo meu fascínio por elas, suas formas e padrões de cores. Depois ao ter buscado seu simbolismo ao longo da história da humanidade, descobri que as serpentes representam o oposto ao ser humano :

A serpente - tanto quanto o homem, mas *contrariamente* a ele - distingue-se de todas as espécies animais. Se o homem está situado no final de um longo esforço genético, também será preciso situar essa criatura fria, sem patas, sem pelos, sem plumas, no início deste mesmo esforço. Nesse sentido, Homem e Serpente são opostos, complementares, *Rivals*. Nesse sentido, também, há algo da serpente no homem e, singularmente, na parte de que o seu entendimento tem o menor controle. (Chevalier, 2022, p. 893)

Além de sua oposição, em várias culturas a cobra é considerada símbolo de sabedoria e conhecimento, a exemplo na própria tradição cristã, onde “a cobra era o animal mais esperto que o SENHOR Deus havia feito.[...]” (Gen, 3, 1). Disto em minhas produções, vou me utilizando da intersecção de variados significados, unindo-os para que tanto confluenciem, quanto conflitem. A exemplo a obra “do veneno seu próprio antídoto” (Figura 24), onde a cobra – importante salientar que se trata de uma cobra coral que é originária da região da América do Sul e recorrente na região centro-oeste do Brasil – que muitas vezes representa perigo e alerta, dou a ela o símbolo de cura e resistência, ao colocá-la picando um cavalo branco, – animal de origem estrangeira ao Brasil – juntamente com o título brinco com a ideia de veneno e antídoto, a partir da forma como é concebido o soro antiofídico, em que doses de veneno são administradas em equinos, onde com a reação desenvolvida em seu organismo formará depois o soro. Assim construo a narrativa que, pelas palavras de Bispo sobre o conceito de contracolonialismo, sinto contemplar a intenção que tive na concepção deste trabalho:

Trouxemos a palavra contracolonialismo para enfraquecer o colonialismo. Já que o referencial de um extremo é o outro, tomamos o próprio colonialismo. Criamos um antídoto: estamos tirando o veneno do colonialismo para transformá-lo em antídoto contra ele próprio. (Santos, 2023, p. 37).

Na jornada de feitura dos trabalhos, aprendi muito com os encontros que esse caminhar me proporcionou, e nas reflexões deste trabalho percebi que na recorrência de desenhos de motos (Figura 25, 26, 27 e 28), estava representando a própria jornada que foi se constituindo “segundo a teoria jungiana, os veículos antigos ou modernos devem ser considerados, em seus significados simbólicos, imagens do ego. Refletem os diversos aspectos da vida interior com relação aos problemas de seu desenvolvimento.” (Chevalier, 2022, p. 1019). Em minhas ideias sempre surgem uma noção de ambivalência atrelada aos significados que produz, como na cobra tendo em si o veneno e a cura, as motos sendo esta

tecnologia, que possibilitaram o “encurtamento” das distâncias, por proporcionar mais velocidade nos deslocamentos, entretanto a velocidade das metrópoles obriga a estarmos quase que em dois lugares ao mesmo tempo, já que o “tempo nunca é suficiente”.

Trago a representação destes veículos como signo do dito progresso instaurado pelo capitalismo, onde somente quem avança são as classes dominantes, atropelando sem pudor o que será destruído para alcançar seus objetivos. Mas como dito meus fazeres são carregados de ambiguidade, e mesmo carregando este aspecto, também dou a esse signo outros valores que o subvertem, transformando-o em objeto de lazer e acrobacias (Figura 27), ou sendo indicador de uma jornada que siga em outra direção a que citada anteriormente, como o desenho da figura 28, onde um cacho de banana os rodeia os personagens e um deles segura o umbigo/coração, este representa a proteção dos frutos que virão a surgir, como os encontros que acontecem ao longo da caminhada.

Este veículo surge inspirado pelo seu uso pela população de São José do Retiro, onde a maioria possui cada um sua moto, para ir aos vizinhos, ou a cidade buscar insumos, transportar cargas mais pesadas, e outras mais funcionalidades, e lá desde cedo se é ensinado a andar de moto, como sinal de autonomia, para que em casos de necessidade qualquer um saiba pilotar.

Disto adoto este veículo em minhas produções para simbolizar o que até então entendia como uma jornada de retorno para a natureza, ou para o entendimento de que somos parte da mesma. Nisto comecei a rabiscar ideias que dialogassem de alguma forma sobre isso, surge então desenhos como da figura 29, onde um personagem em sua moto carrega uma garrafa d’água representando o recipiente que transporta o que o purificará nesta trajetória, e a sua frente um pássaro que o guia simbolizando os ensinamentos que a natureza possui e a liberdade que o norteia. Tendo consciência de que a arte é produto de seu tempo, e que segundo palavras de Salles:

Esse projeto estético, de caráter individual, está localizado em um espaço e um tempo que inevitavelmente afetam o artista. Os documentos ele processo, muitas vezes, preservam marcas da relação do ambiente que envolve os processos criativos e a obra em construção. (Salles, 1998, p. 37)

Fui motivado a falar sempre em retornarmos a natureza, em uma tentativa de explicitar os problemas que o mundo enfrenta visto crise climática, violências de gênero, raça e classe, o avanço do neoliberalismo, e outros mais, e tendo a consciência de que a raiz destes

é uma só: o colonialismo eurocristão. Como pontua Malcolm Ferdinand sobre o habitar a Terra:

Ao reconhecer que colonizações, racismos e discriminações de gênero são também maneiras de habitar a Terra, são relações paisagísticas, são forças geológicas no coração da crise ecológica, o questionamento da fratura colonial torna-se a questão fundamental da luta ecologista. (Ferdinand, 2022, p. 201)

Dos estudos, como já citado a presença das aves possui lugar especial em meus desenhos, e nas elaborações da ideia de jornada de purificação, a escolha que fiz após algumas pesquisas foi a de representar o pássaro fogo-apagô (Figura 30). Sua escolha se dá principalmente quando descobri que ela não ocorre em centros urbanos, assim sua presença em minhas obras indica a negação da metrópole

E com o contato com os escritos de Ferdinand, tive acesso a outra perspectiva sobre o “retornar a natureza” o que me fez refletir sobre o uso do termo “retornar”, e como ele deixa algumas lacunas, pois citar um regresso como solução é raso, ignora-se quem ficou, quem já está e sempre esteve vivendo em harmonia com a natureza, então percebi outra perspectiva de como abordar este tema da relação entre natureza e ser humano, o trecho que me instigou é o seguinte, onde Ferdinand diz:

Esse retorno não é, portanto, a ação de voltar para trás nem a ação de uma desconstrução da arca na qual um “nós” exclusivo seria embarcado. Esse retorno é, se não uma etapa, uma parada a mais na epopeia do *ánthrōpos* ou de Noé. A Terra é, então, percebida verdadeiramente como um astro igual aos outros, assim como mostra Frédéric Neyrat em sua crítica do construtivismo. Um planeta descoberto rumo ao qual os “humanos” teriam navegado. Acontece que tal planeta carrega o nome “Terra”. Os humanos acercam-se da Terra sempre a bordo da mesma arca. O retorno à Terra ou à natureza reproduz, assim, a ecologia da arca de Noé na medida em que nem todo o mundo – no duplo sentido do termo – pode fazer parte dela. Esse retorno torna-se literalmente uma recusa do mundo e mantém a propensão à exclusão da ecologia colonial. Esse retorno não sabe o que fazer quando – surpresa! – “descobrem-se” os que já estão lá, naquela Terra ou naquela natureza-alvo do retorno. Esse retorno altericida recusa o encontro, recusa o mundo tanto na partida quanto na chegada. (Ferdinand, 2022, p. 218 - 219)

Por mais que tenha crescido em contato com a natureza, e que em São José do Retiro as propriedades sejam de pequenos produtores de agricultura familiar, ainda assim não romantizo, nem ignoro os pontos negativos que acabam por existir ali, as chagas do coronelismo ainda são presentes, e influenciam na manutenção de uma ideologia

conservadora e retrógrada de muitos que ali vivem, entretanto exprimo o que de bom pude captar da minha vivência naquele lugar. O que gostava de observar era o que existia nas entrelinhas, aquilo que existe de sutil vindo do âmago de cada um, e dessas observações percebi que nos momentos onde a comunidade se juntava para realizar mutirões, novenas para arrecadar dinheiro para alguém que precisasse e nas festas populares onde todos se comovem e unem forças para realizá-las, era onde habitava grande beleza e nela percebi resquícios daquilo que mais é humano pulsar que é a comunidade. Disto e auxiliado pelos escritos de Ferdinand entendi que o verdadeiro alvo que soluciona as feridas existentes, está principalmente no encontro e não somente no retorno:

Em vez do movimento do retorno, proponho um movimento outro, um movimento em direção ao outro, o movimento do encontro. Esse movimento não é mais determinado pelo caminho em direção a um objeto fantasiado a ser atingido ou apreendido, “Natureza”, “Terra” ou mesmo “Mãe Terra”, e sim por um horizonte. O horizonte de uma alteridade rumo à qual se estende sem jamais conseguir alcançá-la, um ir em direção ao outro, um ir em direção ao mundo. (Ferdinand, 2022, p. 221)



Figura 22 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista a5*, 2024. Grafite sobre papel Lefranc & Bourgeois 110g/m<sup>2</sup>. 14,8x21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.

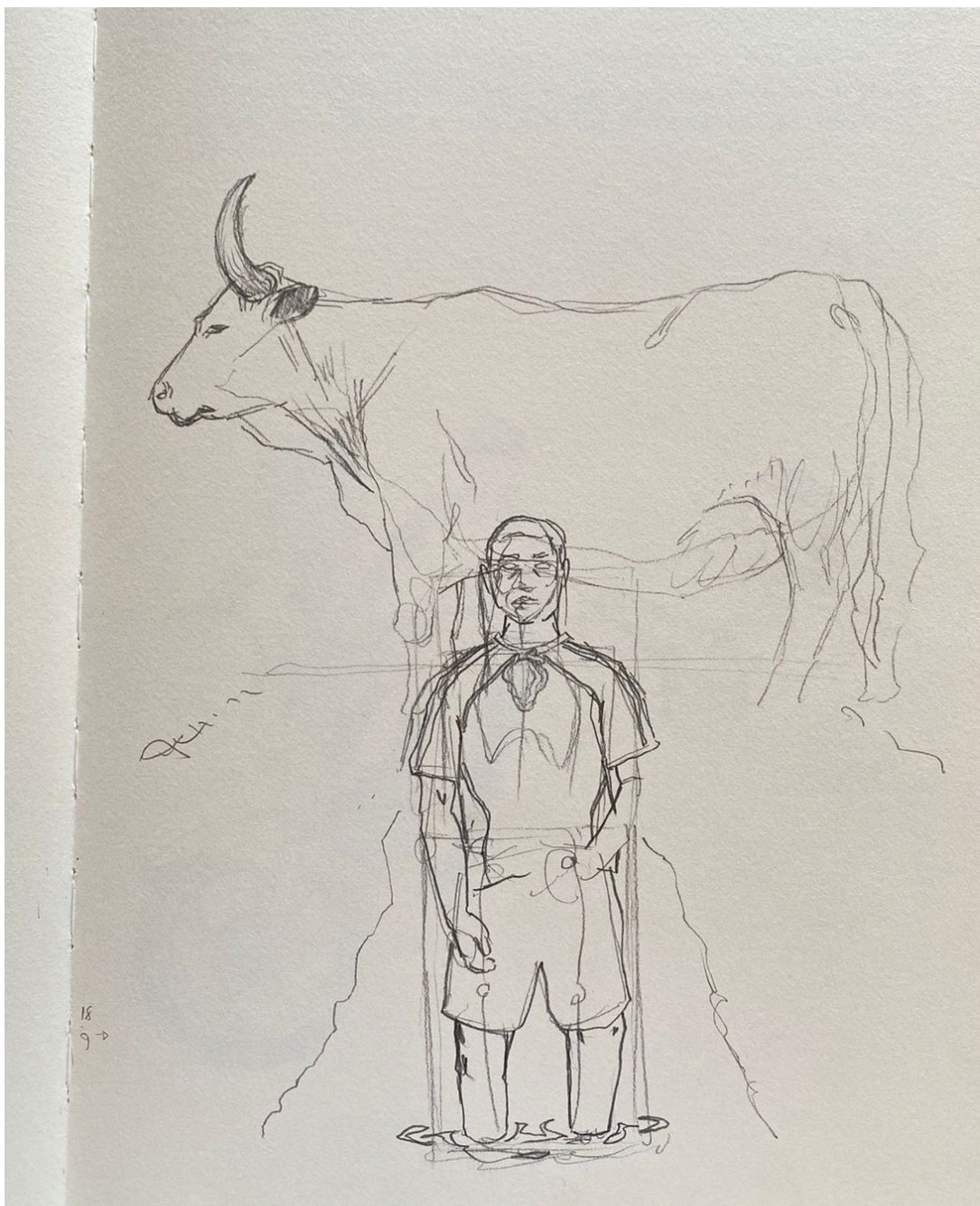


Figura 23 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A4*, 2024. Grafite sobre papel Hahnemühle 120g/m<sup>2</sup>. 29,7x21cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 24 - Walmir Elias. *Do veneno seu próprio antídoto*, 2023. Óleo sobre tela. 30 x 40 cm.  
Fotografia: Jhony Aguiar

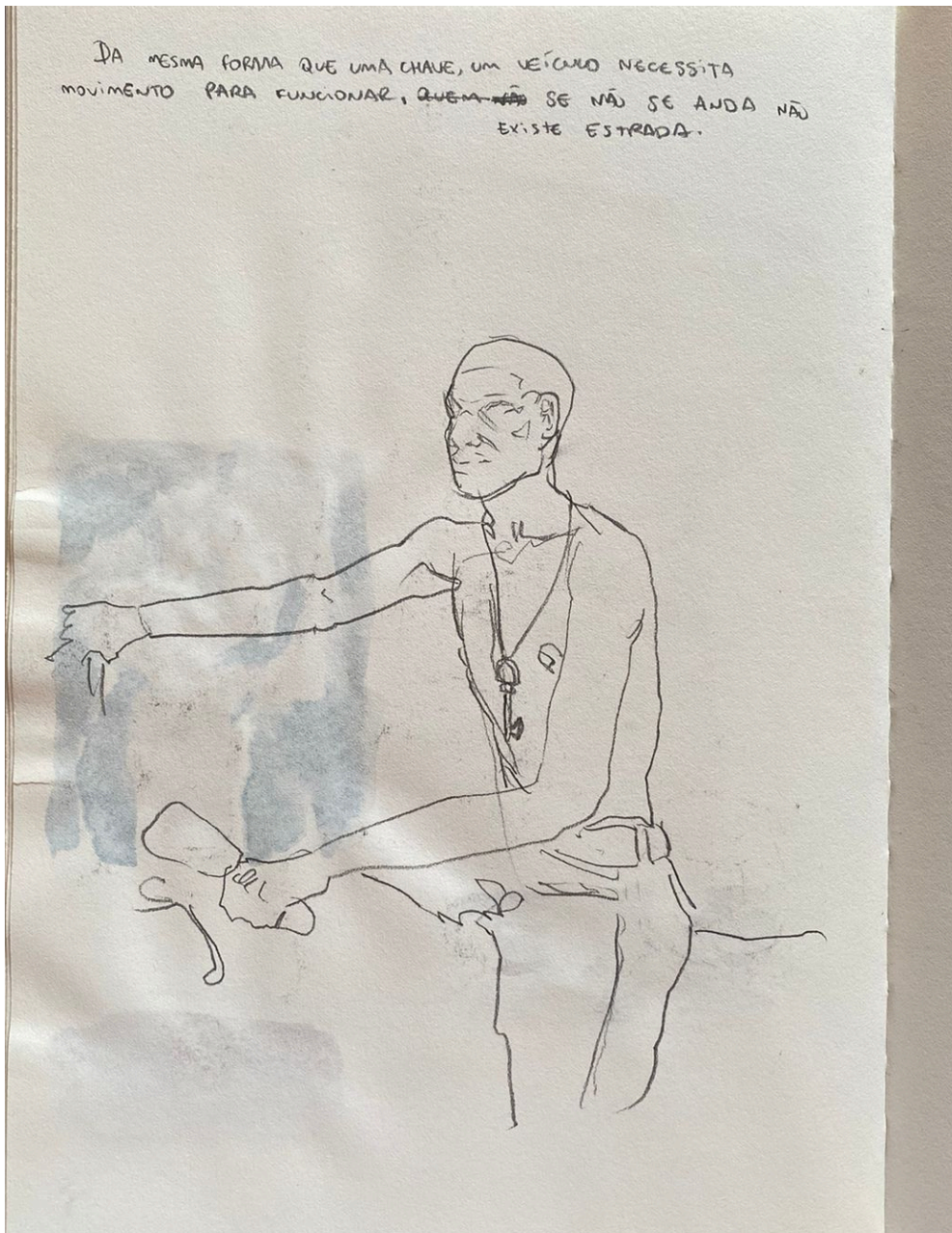


Figura 25 - Walmir Elias. Registro de estudo em caderno de artista A4, 2024. Grafite sobre papel Hahnemühle 120g/m<sup>2</sup>. 29,7x21cm. Fonte: Arquivo pessoal.

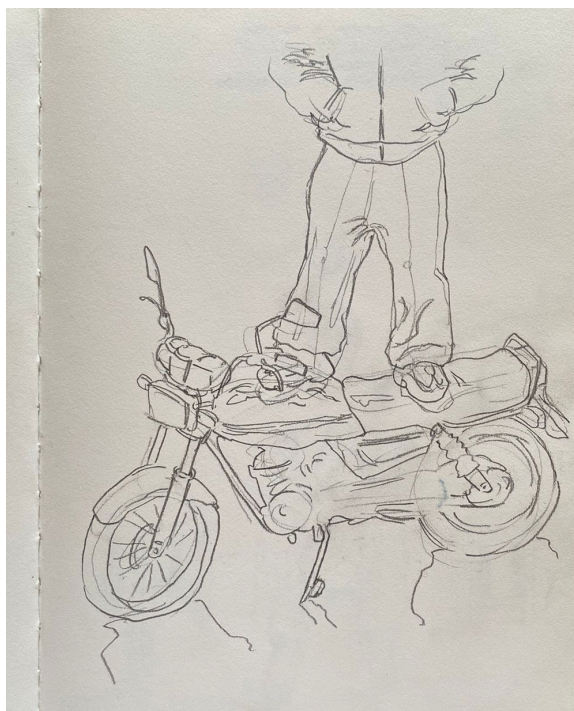


Figura 26 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A4*, 2024. Grafite sobre papel Hahnemühle 120g/m<sup>2</sup>. 29,7x21cm. Fonte: Arquivo pessoal.

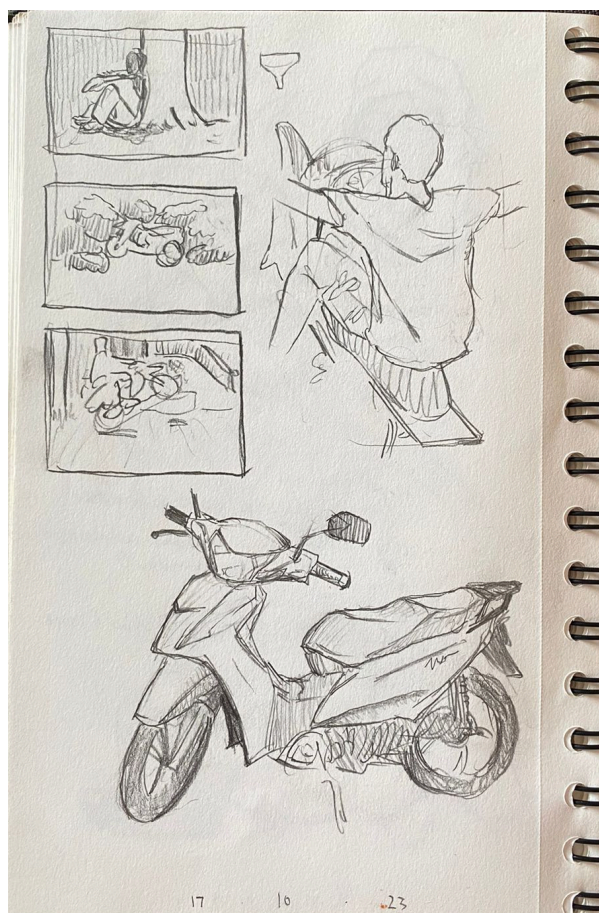


Figura 27 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A5*, 2023. Grafite sobre papel Canson 100g/m<sup>2</sup>. 14,8x21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 28 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A4, 2024*. Aquarela sobre papel Hahnemühle 120g/m<sup>2</sup>. 29,7x21cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 29 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A4*, 2024. Aquarela e grafite sobre papel Hahnemühle 120g/m<sup>2</sup>. 29,7x21cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 30 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista A4*, 2024. Grafite sobre papel Hahnemühle 120g/m<sup>2</sup>. 29,7x21cm. Fonte: Arquivo pessoal.

## 5.1 FESTAS POPULARES

Um dos eventos mais esperados do ano em São José do Retiro e região, são as novenas a São João Batista que acontece no povoado do Gongomé, a novena a Nossa Senhora da Guia realizada no Retiro mesmo, e a Folia dos Três Reis Santos que acontece no começo de todo ano. A autora Lélia Gonzales descreve um pouco do que é a celebração:

Especialmente inspirada em textos bíblicos, a folia de reis predomina no Sudeste, no Centro e no Sul do país. Baseada no Novo Testamento, narra o advento do Messias. Sua peregrinação noturna, pedindo óbolos, reproduz idealmente a viagem dos magos a Belém. [...] A folia vai de casa em casa cumprimentando os amigos, cantando e tocando, e recebendo hospitalidade. (Gonzales, 2024, p. 128)

A Folia dura cinco dias, do dia um de janeiro ao dia cinco (sendo o dia seis o dia dos Três Reis Magos), onde o festeiro - habitualmente pagando promessa feita aos Três Reis - gira com a bandeira, símbolo da folia, junto dos foliões (Figura 31), passando por todas as casas que aceitem receber a bandeira dos Três Reis Magos, e a companhia dos palhaços e foliões, até a recolhida que acontece na casa da festeira. É na recolhida o momento que a festa se renova onde a coroa é passada e é escolhido o festeiro e festeira do próximo ano. Os cinco dias de celebração são regados a muita fartura de comida e bebida, nas casas por onde a folia passa sempre sendo recebidos com cafês, cachaças, lanches, bolos e muito mais, e nas jantas/pousos onde após as toadas, ritos e rezas, são servidas em mesas enormes as comidas em grandes tachos e gamelas, comida essa que foi preparada durante o dia todo pelas cozinheiras, e também bebidas alcoólicas quentes (vinhos, aguardentes e cachaças) são servidas a vontade, geralmente após a janta também é servido doces caseiros. E depois de todos estarem satisfeitos habitualmente inicia-se o forró, que algumas vezes chega a varar a noite<sup>6</sup>.

A festa é uma junção do sagrado e do profano, mas um ponto que desejo destacar desse momento de celebração, é que ele só acontece pela força da comunidade, por ser uma festa de tanta fartura, seria inviável financiar a realização da festa sozinho, é então com a ajuda uns dos outros que a festa é possível, cada um ajuda com o que pode, uns doam os alimentos, – arroz, feijão, legumes e verduras... – outros ajudam nos mutirões, com doações de dinheiro, empréstimo de panelas e por aí vai. E é muito bonito ver a força do coletivo realizando algo tão grandioso com o pretexto da devoção à figura dos Três Reis.

---

<sup>6</sup> Expressão popular que significa durar até o amanhecer.

Esta celebração é um dos marcos que expressa um pouco das belezas que existem na sutileza dos acontecimentos de São José do Retiro, que me marcaram e me inspiraram na realização de meus trabalhos artísticos. Um aspecto muito bonito da folia de reis é que no giro da bandeira por todas as casas da região, maior parte do trajeto ela é carregada a pé - salvo casos de longas distâncias e situações onde a passagem a pé é inviável - passando muitas vezes por dentro das propriedades, atravessando córregos, brejos, matas e cercas. Sendo assim, não havendo limites que impeçam sua passagem, aproprio-me disto transformando em um símbolo de transgressão. Me inspiro na obra “Nã Agotimé” (Figura 32) de Dalton Paula, onde ele imerge uma bandeira em um copo d’água, purificando este símbolo visual que representa a demarcação de um território de fronteiras invisíveis, ressignificando-a em uma expressão de liberdade e derrubada de limites.

Nisto concebi a produção de uma obra que retratasse um pouco da confraternização, a força do coletivo e a fé, intitulada “Estrela Guia” (Figura 33), parti de uma referência fotográfica que realizei durante a folia deste ano (2024), em que três homens se abraçavam dividindo espaço para verem através da janela a cantoria e a bandeira fazer passagem por uma das casas. após muitos estudos de composição e paleta de cores, cheguei a versão final que realizei em tela, nela, os três personagens seguem abraçados olhando através da janela, mas agora acompanhados de uma penca de fitas e bandeirolas – muito comum nas decorações das casas que receberam a folia – que balançam ao vento sobre suas cabeças. Nesta obra fiz uma breve menção a iconografia das representações dos Três Reis Magos, nas cores das roupas dos personagens e a penca de fitas que tem seu formato similar a estrela guia, que norteou os Reis Magos ao encontro do menino de Jesus. Nesta obra quis expressar que no encontro é onde encontramos forças, e as esperanças são renovadas, mesmo que essa união não se dê de forma simples, ainda assim é nela que encontramos insumos para prosseguirmos lutando, como coloca Malcolm Ferdinand: “Entretanto, as relações jamais são alcançadas nem dadas: elas se instauram pelo movimento que visa reunir alteridades e reconhecer um no outro algo em comum, que não pertence a ninguém. É nesses encontros que se realiza o tal retorno.” (Ferdinand, 2022, p. 221).



Figura 31 - Walmir Elias. *Registro de estudo em caderno de artista a5*, 2024. Caneta Brush sobre papel Lefranc & Bourgeois 110g/m<sup>2</sup>. 14,8x21 cm. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 32 - Dalton Paula. *Nã Agotimé*, 2023-24. Folha de ouro e óleo sobre tela. (xxxxcm)

Fotografia: Paulo Rezende. Disponível em:

<https://www.aredacao.com.br/cultura/208092/artista-visual-que-se-projetou-em-goiania-e-destaque-na-bienal-de-veneza>



Figura 33 - Walmir Elias. *Estrela Guia*, 2024. Óleo sobre tela. 80x60cm.

Fotografia: Paulo Rezende.

## 6 CANTO DAS SIRIEMAS

Foi da vontade de documentar as sutilezas cotidianas de meu viver que esta pesquisa surge, das várias noites em meu ateliê/quarto, desenhando o que me inspirava no momento, navegando por fantasias criadas pelo devaneio. Das horas em frente às telas, dançando com a tinta me frustrando e me alegrando. E as idas e vindas a São José do Retiro, viagens ao interior geográfico e metafórico. Iniciei esta pesquisa de forma despretensiosa, sem muita previsão do que surgiria, apenas tinha um norte: o desenho e a pintura.

No caminho de desenvolvimento deste trabalho muitas vezes fui surpreendido pelos acasos, encontros inesperados e resultados alcançados. No início pensava em um retorno, sem previsão de destino, somente o deslocamento em direção ao interior, mas que somente era possível pelas voltas, retorno. Voltando a ele encontrei respostas mas principalmente outras perguntas, com o auxílio dos escritos de Bachelard pude me orientar e desorientar, com seu apoio.

E é na natureza, no encontro e retorno a ela que encontrei acalanto e inquietude como insumos para prosseguir mergulhando nas profundezas da realização desta pesquisa, com a sabedoria de Bispo dos Santos e Malcolm Ferdinand que encontrei confluências sobre as inquietudes que instigaram o refletir sobre nossa relação com a natureza. Buscando construir novas perspectivas onde natureza e progresso não sejam antagônicos. E graças ao mergulhar que me pediu coragem e fé para saltar que o desenrolar aconteceu. Voando pelos ares da fantasia, fabulando, me aproximando e me distanciando pude encontrar liberdade em criar.

Nas festas da roça, principalmente a folia de Reis, que delimitou minhas criações mais recentes em pintura, reunindo a relação com a natureza, a força do coletivo e a fé que move o caminhar dos encontros. Em conclusão, nesta pesquisa pude perceber o amadurecimento que tive durante minha jornada pela graduação em artes visuais, e no decorrer de sua escrita ter melhor compreensão sobre meu fazer, e adquirir novos conhecimentos que se somam na estruturação de minha poética. Também renovaram-se as esperanças e crenças de quando a graduação em artes era ainda um sonho. Reconheço que há muito a aprender pois aqui concretizei só mais um dos vários passos que tenho a dar, e fico feliz com isso, pois enquanto houver fé sempre haverá caminho.

## REFERÊNCIAS

Bachelard, Gaston. **A Poética do Devaneio**. São Paulo : Martins Fontes, 2006.

Bachelard, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Barros, Manoel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro : Alfaguara, 2016.

**Bíblia Sagrada**. São Paulo : Paulinas Editora, 2005.

Chevalier, Jean. **Dicionário dos símbolos: (Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

Ferdinand, Malcolm. **Uma ecologia decolonial - pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo : Ubu Editora, 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Festas Populares no Brasil**. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2024.

Kandinsky, Wassily. **Do espiritual na arte e na pintura em particular**. São Paulo : Martins Fontes, 1996.

Salles, Cecilia Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo : FAPESP : Annablume, 1998.

Santos, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

Simões, Reinério Luiz Moreira. **Imaginação Material Segundo Gaston Bachelard**, 1999. 32 f. Dissertação de Pós-Graduação - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <http://www.consciencia.org/bachelarddisreinerio.shtml> Acesso em 15 nov 24.